



A CONSTRUÇÃO DE RESISTÊNCIAS AO NÃO LUGAR DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO NOVO ENSINO MÉDIO: A DISCUSSÃO DAS DIVERSIDADES VIA COMPONENTE ELETIVA COMO POSSIBILIDADE

BUILDING RESISTANCE TO THE NO PLACE OF PHYSICAL EDUCATION IN THE NEW HIGH SCHOOL: DISCUSSION OF DIVERSITIES VIA ELECTIVE COMPONENT AS A POSSIBILITY

CONSTRUYENDO RESISTENCIA AL NO LUGAR DE LA EDUCACIÓN FÍSICA EN LA NUEVA ESCUELA SECUNDARIA: DISCUSIÓN DE LAS DIVERSIDADES A TRAVÉS DEL COMPONENTE OPTATIVO COMO POSIBILIDAD

Gabriela Biancardi Braga


<https://orcid.org/0009-0008-4883-9899> 


<http://lattes.cnpq.br/499339551818880> 

Universidade Federal do Espírito Santo (Vitória - ES - Brasil)

gabibiancardibraga@gmail.com

Erineusa Maria da Silva

<https://orcid.org/0000-0002-8736-6739> 

<http://lattes.cnpq.br/0169716321962324> 

Universidade Federal do Espírito Santo (Vitória - ES - Brasil)

erineusams@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo objetiva problematizar e propor possibilidades de garantia do tratamento pedagógico dos conhecimentos da Educação Física aos/as estudantes do Novo Ensino Médio em um contexto de redução da carga horária do componente curricular nas escolas da rede estadual do Espírito Santo. Apoia-se na metodologia de pesquisa-intervenção e na análise da própria prática. A pesquisa foi desenvolvida com 25 estudantes matriculados na 1ª e 2ª série do Novo Ensino Médio da EEEFM Cel. Antônio Duarte, localizada no município de Iconha/ES, durante o 2º e 3º trimestres letivos de 2023. Conclui-se que este estudo possibilitou a reflexão sobre a importância da Educação Física na formação humana dos/das estudantes do Novo Ensino Médio, bem como, a busca por meios de garantir o direito à construção dos conhecimentos historicamente construídos pela humanidade acerca da cultura corporal de movimento, e os seus temas transversais, de forma democrática e integral na escola, ainda que por via desses espaços/tempos "eletivos".

Palavras-chave: Novo Ensino Médio; Educação Física; Diversidade.

Abstract

This article aims to problematize and propose possibilities for guaranteeing the pedagogical treatment of Physical Education knowledge for students in the New High School in a context of reducing the workload of the curricular component in schools in the state network of Espírito Santo. It is based on intervention research methodology and analysis of the practice itself. The research was developed with 25 students enrolled in the 1st and 2nd series of the New High School at EEEFM Cel. Antônio Duarte, located in the municipality of Iconha/ES, during the 2nd and 3rd academic quarters of 2023. It is concluded that this study made it possible to reflect on the importance of Physical Education in the human formation of New High School students, as well as the searches for ways to guarantee the right to the construction of knowledge historically constructed by humanity about the body culture of movement, and its transversal themes, in a democratic and integral way at school, even through these "elective" spaces/times.

Keywords: New Secondary Education; Physical Education; Diversity.



Resumen

Este artículo tiene como objetivo problematizar y proponer posibilidades para garantizar el tratamiento pedagógico de los conocimientos de Educación Física de los estudiantes de la Nueva Escuela Secundaria en un contexto de reducción de la carga horaria del componente curricular en las escuelas de la red estatal de Espírito Santo. Se basa en la metodología de investigación de intervención y el análisis de la práctica misma. La investigación se desarrolló con 25 estudiantes matriculados en la 1ª y 2ª serie del Nueva Escuela Secundaria en la EEEFM Cel. Antônio Duarte, ubicado en el municipio de Iconha/ES, durante el 2º y 3º trimestre académico de 2023. Se concluye que este estudio permitió reflexionar sobre la importancia de la Educación Física en la formación humana de los estudiantes del Nueva Escuela Secundaria, así como las búsquedas de formas de garantizar el derecho a la construcción de conocimientos históricamente construidos por la humanidad sobre la cultura corporal del movimiento, y sus temáticas transversales, de manera democrática e integral en la escuela, incluso a través de estos espacios/tiempos "electivos".

Palabras clave: Nueva Educación Secundaria; Educación Física; Diversidad.

INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto de uma pesquisa realizada no Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional, ProEF/CEFD/Ufes. Neste estudo buscamos problematizar e propor possibilidades de garantia do tratamento pedagógico dos conhecimentos da Educação Física aos/às estudantes do Novo Ensino Médio (NEM) em um contexto de redução da carga horária do componente curricular nas escolas da rede estadual de ensino do Espírito Santo.

A partir da constatação de ocorrência de sérias alterações nas condições de trabalho dos/as docentes e na redução efetiva da carga horária do componente curricular Educação Física, consideramos a necessidade de organização de movimentos de resistência nas aulas para o Ensino Médio. Diante das condições impostas no NEM, da obrigatoriedade de lecionar o componente curricular eletiva e da possibilidade de construir com os/as estudantes uma eletiva que contemplasse os conhecimentos negados a partir da redução das aulas de Educação Física, pensamos na utilização desse espaço/tempo pedagógico para a construção de um movimento de resistência por dentro da ordem (Fernandes, 1981). Desse modo, organizamos uma eletiva para tratar dos conhecimentos da Educação Física e seus temas transversais com as juventudes do Ensino Médio, o que pensamos se configurar como um movimento de resistência, por um lado para que esses saberes sejam mantidos nessa etapa da educação básica, ainda que, por meio de espaços "eletivos" e, por outro, para assegurar ao/à professor/a tratar de conhecimentos que estão no escopo de sua área. Cabe ressaltar que a nova configuração do Ensino Médio, de redução de carga horária da Educação Física, tem levado a novas configurações também do trabalho docente. Assim, os/as professores/as que atuam no Ensino Médio têm buscado modos de resistir a essa redução, sendo o componente



curricular eletiva um espaço/tempo possível de resistência e, também, um campo de atuação curricular da Educação Física.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi desenvolvida com 25 estudantes matriculados na 1ª e 2ª série do NEM da EEEFM Cel. Antônio Duarte, localizada no município de Iconha/ES, que se inscreveram na Eletiva – Corpo, Educação Física e Diversidade, durante o 2º e 3º trimestres letivos de 2023. Durante as intervenções pedagógicas procurou-se contextualizar os marcadores de desigualdade social (classe social, pessoa com deficiência, gênero e raça/etnia) que atravessam as práticas corporais, bem como, refletir com os/as estudantes os motivos da Educação Física ter sua carga horária reduzida no NEM.

O estudo se apoiou na metodologia de pesquisa-intervenção que tem um caráter investigativo, abrangendo ações, planejamentos, produzindo mudanças com intuito de gerar avanços e crescimento no processo de conhecimento dos/as indivíduos/as, avaliando futuramente as mudanças que essas ações podem provocar. Ou seja, está articulado a interferências planejadas no processo de aprendizagem dos sujeitos como nos propõe Freitas (2007).

Os dados foram produzidos por meio de questionários compostos de perguntas estruturadas e semiestruturadas aplicados aos/às estudantes no início e ao final da eletiva, e também, por meio das intervenções pedagógicas que aconteceram durante as aulas desse componente curricular. O questionário inicial nos ajudou a conhecer o grupo de estudantes e a planejar as atividades. Já no questionário final, os/as estudantes puderam avaliar os conhecimentos construídos ao longo da participação na eletiva. Neste artigo, apresentamos algumas das intervenções realizadas, especificamente, a que trata da diversidade de classe, de gênero e de raça. Além dessas, realizamos intervenções que discutiram a condição das pessoas com deficiência, a questão étnico-racial e dos povos indígenas, que foram apresentadas de forma detalhada em um caderno pedagógico, construído como recurso educacional e disponível em: <https://educacaofisica.ufes.br/pt-br/dissertacoes-e-produtos-educacionais>, mas que não serão abordadas neste texto.



PRESSUPOSTOS QUE ESTIMULARAM A RESISTÊNCIA POR DENTRO DA ORDEM

O estudo tomou como ponto de referência o período após o golpe parlamentar-jurídico-midiático (Beltrão; Taffarel; Teixeira, 2020; Maldonado, 2023) que destituiu a presidenta Dilma Rousseff da presidência da república. O bloco que assumiu o poder, chefiado por Michel Temer, se apressou em promover de forma bastante aguda a política neoliberal. Nessa lógica, aprovaram uma série de reformas e medidas (Reforma do Ensino Médio, Reforma Trabalhista, PEC do Teto de Gastos, entre outras) que objetivaram “[...] perpetrar um golpe contra a classe trabalhadora mais pobre do País, alcançada pelas políticas públicas inclusivas das duas primeiras décadas desse século” (Moura; Lima Filho, 2017, p. 111). Na esteira do golpe, tornou-se necessário “repensar” a educação, moldando-a aos ditames do capital (Souza; Ramos, 2017), cuja real intenção é a de adaptar as juventudes da escola pública às demandas da sociedade neoliberal, para que possam atuar em um mercado de trabalho cada vez mais precarizado.

Nessa lógica, o chamado Novo Ensino Médio (NEM), instituído pela Lei nº 13.415/2017, alterou o funcionamento das escolas, seus currículos e a forma como os componentes curriculares da formação geral básica, dentre eles, a Educação Física, se configuram nesse contexto, com a redução drástica de suas cargas horárias. Fato é que os conhecimentos históricos e científicos, como os presentes na Educação Física e outros componentes curriculares que tiveram a carga horária reduzida, foram relegados e, em seu lugar, propostas outras formas de se configurar o currículo através dos itinerários formativos que, possivelmente, não garantirão a formação científica e humana dos/as estudantes (Silva; Ferreira; Santos, 2021).

Araújo *et al.* (2022) salientam que a proposta das políticas neoliberais busca fortalecer a noção de que a escola desempenha um papel central na formação dos/as estudantes que atuarão no mercado de trabalho. Nessa perspectiva, cabe à escola reproduzir o sistema social atual, contribuindo para a formação dos/as trabalhadores/as que movimentarão a máquina econômica. Assim, a escola se reduz a discussões sobre métodos, conteúdos, avaliações, notas e resultados, deixando de lado ações de compreensão sobre a realidade e de transformação social dos sujeitos que a vivem.

Essa realidade se efetivou em diversos estados brasileiros com a redução das aulas de Educação Física para uma ou duas em todo ciclo de escolarização do Ensino Médio (Maldonado, 2023). O NEM começou a ser implantado nas escolas da rede estadual do Espírito





Santo em 2019, em nove escolas-piloto da grande Vitória. Em 2020, a oferta foi ampliada para 62 escolas (Ferreira; Cypriano, 2022). Em 2021, ocorreu a implantação inicial na EEEFM Cel. Antônio Duarte, com a alteração da carga horária, que passou de cinco aulas de 55 minutos para seis aulas de 50 minutos e a inclusão dos componentes integradores projeto de vida, estudo orientado e eletiva. No início de 2022, seguindo o que foi disposto na portaria 279-R (Sedu, 2021), o NEM foi implantado integralmente para as turmas que ingressaram na 1ª série, com toda a alteração curricular (Formação Geral Básica e Itinerários Formativos). Então, as aulas de Educação Física, passaram a ser ofertadas apenas para essas turmas, como é demonstrado no quadro 1.

Quadro 1 – Disposição dos componentes curriculares da formação geral básica para o Ensino Médio em tempo parcial das escolas da rede estadual do Espírito Santo

MATRIZ ORGANIZAÇÃO CURRICULAR (OC-11)								
Organização Curricular da Educação Básica – Ensino Médio (diurno)								
Itinerário Formativo Entre Áreas - O ESPORTE, A CIÊNCIA E SUAS LINGUAGENS								
Nº de Dias Letivos: 200 dias (40 semanas) / Carga Horária anual: 1000h (1200 aulas) / hora-aula: 50min								
ÁREAS DE CONHECIMENTO	COMPONENTES CURRICULARES	AULAS SEMANAIS			AULAS ANUAIS			TOTAL
		1ª série	2ª série	3ª série	1ª série	2ª série	3ª série	
LINGUAGENS	Língua Portuguesa	5	4	3	200	160	120	480
	Língua Inglesa	2	-	-	80	-	-	80
	Educação Física	2	-	-	80	-	-	80
	Arte	2	-	-	80	-	-	80
	Subtotal	11	4	3	440	160	120	720
CIÊNCIAS DA NATUREZA	Biologia	-	2	2	-	80	80	160
	Física	2	2	-	80	80	-	160
	Química	2	2	-	80	80	-	160
	Subtotal	4	6	2	160	240	80	480
MATEMÁTICA	Matemática	5	4	3	200	160	120	480
	Subtotal	5	4	3	200	160	120	480
CIÊNCIAS HUMANAS	Filosofia	2	-	-	80	-	-	80
	Geografia	-	2	2	-	80	80	160
	História	-	2	2	-	80	80	160
	Sociologia	2	-	-	80	-	-	80
	Subtotal	4	4	4	160	160	160	480
SUBTOTAL FORMAÇÃO GERAL BÁSICA		24	18	12	960	720	480	2160

Fonte: Portaria 279-R (Sedu, 2021).

Em relação aos/as professores/as, muitos/as que eram efetivos/as nas escolas da rede estadual foram obrigados/as a ministrar aulas dos componentes integradores dos itinerários formativos (estudo orientado, projeto de vida, eletivas), para complementarem a carga horária que atualmente é de 28 tempos de 50 minutos, sendo 20 tempos/aula e oito tempos/planejamento.

Nesse contexto de redução da carga horária da Educação Física no NEM, o componente “eletiva” tem se tornado um espaço de resistência em que os/as professores/as podem se fazer existir e apresentar os conhecimentos e a formação específica retirados ou esvaziados no NEM. Na EEEFM Cel. Antônio Duarte as aulas do componente eletiva acontecem sempre às segundas-feiras. Ademais, é instaurada uma certa pressão para que a eletiva



ofertada seja atrativa aos/às estudantes, o que acaba gerando um clima de desconforto entre os/as docentes, pois alguns/as conseguem atrair muitos/as estudantes e outros/as não. E, também, ocorrem situações de descontentamento entre os/as estudantes, quando não conseguem se inscrever na eletiva que gostariam; além da não garantia de uma formação única para todos/as.

Nas escolas da rede estadual do Espírito Santo, todo início de trimestre é realizado um “Feirão de Eletivas”. Nesse momento, todos/as os/as professores/as que ofertam as eletivas se reúnem com os/as estudantes e fazem a apresentação da sua proposta. Os/as estudantes se inscrevem de acordo com suas preferências e afinidades e cada escola pode criar suas formas de inscrição. Ou seja, além de tudo, é importante saber fazer uma boa propaganda e cada um/uma “vender o seu peixe” no feirão, situação que expõe e desvaloriza o trabalho do/a professor/a.

O NEM enfatiza o protagonismo juvenil como forma de melhorar a qualidade do ensino e preparar as juventudes para enfrentar as situações cotidianas. Como parte desse “protagonismo”, cabe aos/às jovens realizarem escolhas sobre seu percurso formativo, como no caso das eletivas. Nesse contexto de “escolhas” feitas por meio de “feiras”, sem uma reflexão mais aprofundada sobre o conhecimento ofertado, incorpora-se a ideologia neoliberal, que se baseia no conceito de individualidade, liberdade de escolha, meritocracia e competição, em que situações de fracasso ou sucesso são consideradas responsabilidades individuais de cada um/uma. Afinal, “[...] o conceito de sociedade e de educação que o neoliberalismo toma como fundamento coloca os indivíduos em um cenário de ‘competição’ entre eles [...]” (Freitas, 2018, p. 114).

A escola, submetida a essa lógica, tem a responsabilidade de preparar os/as jovens para tomarem decisões em um mundo onde não há lugar para todos/as, em uma sociedade impregnada pela competitividade, em que o desemprego e o emprego precário estão se tornando cada vez mais comuns e aceitos como normais. Assim, disfarçado em um discurso de protagonismo juvenil, “[...] projeta-se um jovem adaptado à ordem social burguesa e na qual tem-se a ilusão de autonomia e liberdade de escolhas” (Santos; Martins, 2021, p. 18).

Seguindo a lógica do NEM no Espírito Santo, no dia 29 de maio de 2023, aconteceu o feirão de eletivas para o 2º trimestre. Assim, expusemos a proposta da eletiva “Corpo, Educação Física e Diversidade”, falamos sobre os objetivos e procedimentos metodológicos, para que os/as estudantes tivessem uma ideia de como o trabalho seria desenvolvido.





A partir da atual realidade educacional imposta, percebemos que o NEM apresenta uma proposta formativa aos/às jovens, filhos/as das classes trabalhadoras, que representam mais de 80% das matrículas nas escolas públicas brasileiras (Inep, 2024), totalmente alinhada aos interesses do mercado. Nessa perspectiva, os conhecimentos científicos se perdem em um currículo flexível, em que se realiza uma falsa propaganda de escolha, apresentada, nesse caso, a partir de uma “feira” que não garante o direito de todos/as a uma formação justa e igualitária. Desse modo, organizar uma eletiva que trate os conhecimentos da Educação Física e seus temas transversais com as juventudes do Ensino Médio se configura como um movimento de resistência para que esses saberes sejam garantidos nessa etapa da educação básica. Ademais, do ponto de vista do trabalho docente, devido à precarização que os/as professores/as vêm sofrendo em seu trabalho, eles/as são levados/as (obrigados/as) a assumirem o lugar de “vendedores/as” da sua mercadoria chamada eletiva.

A DISCUSSÃO SOBRE AS DIVERSIDADES NO CENTRO DAS RESISTÊNCIAS

Nossa intervenção pedagógica se iniciou com a construção de um planejamento participativo em que decidimos coletivamente começar nossas discussões pela temática da **desigualdade social**. Essa temática se torna relevante de ser debatida na escola pois a sociedade que habitamos é profundamente injusta haja vista a separação abissal, dos setores mais vulnerabilizados, em relação às oportunidades de acesso a tudo que possa conferir dignidade à vida de qualquer ser humano (Neira, 2022). Essa temática foi singular pois foi a partir daí que iniciamos os debates sobre as desigualdades que o NEM aprofundaria. Nossa aula foi estruturada em quatro momentos: exibição do documentário “Entremundo: um dia no bairro mais desigual do mundo”, debate sobre o mesmo, vivência do jogo “totó humano” e, por fim, uma roda de conversa.

Após a exibição do documentário, relembramos a análise do questionário inicial, para então, realizamos uma conversa sobre as percepções dos/as estudantes a respeito do mesmo. O documentário “Entremundo – um dia no bairro mais desigual do mundo” foi lançado em 2015 depois da morte de nove jovens em uma ação policial em um baile funk em Paraisópolis, São Paulo. O enredo explora as realidades dos bairros de Paraisópolis e do Morumbi, que mesmo tão próximos, vivem um abismo social e de atenção do Estado.

No debate, os/as estudantes relataram o impacto de verem duas realidades tão próximas e ao mesmo tempo tão distantes socialmente. Relataram também sobre as diferenças





entre as práticas corporais realizadas nos dois bairros, sobre as condições de vida dos/as moradores/as, a questão da violência e da atenção/desatenção dada a cada bairro pelo Estado por meio das políticas públicas. Enquanto no Morumbi as condições de moradia, segurança, lazer, saneamento e outras se apresentam bem estruturadas em Paraisópolis falta tudo. Finalizamos essa discussão falando sobre as diferentes oportunidades de educação que são dadas aos/às estudantes pobres e ricos. Aproveitamos também, para fazer uma relação sobre como políticas públicas como a do NEM, por exemplo, impacta de modo desigual cada estudante a depender de sua classe social.

Em seguida, nos organizamos para a realização do jogo “totó humano”. Escolher uma atividade que remeta ao futebol para trabalhar o tema desigualdade social teve algumas intencionalidades. Primeiro por ser um esporte que muitos/as disseram gostar de vivenciar, mas também, ser motivo de muitas exclusões, conforme as respostas dos questionários iniciais. Segundo, pois mesmo sendo um esporte considerado de massas e acessível a todas as pessoas, percebemos que não é bem assim. Apesar de ser um esporte consumido e praticado por muitos/as, itens como camisas, chuteiras e ir a estádios para assistir aos jogos não são acessíveis para todos/as. O futebol que chega ao Brasil pelos “pés” dos

[...] filhos das elites inglesas que aqui se estabeleceram para a instalação das primeiras indústrias e construção de estradas de ferro, gradativamente migrou nos clubes privados para as várzeas, sendo cada vez mais praticado nos momentos de lazer do operário. Por ocasião da sua oficialização, os campeonatos da modalidade chegaram a ser restritos aos homens brancos. Na atualidade, apesar da prática ter se popularizado, o racismo e o sexismo ainda dificultam o acesso das pessoas negras e mulheres a determinadas posições da estrutura esportiva (Neira, 2022, p.114).

É importante refletir também com os/as estudantes sobre quantos/as meninos/as sonham em ser jogadores/as de futebol na esperança de uma vida melhor, mas que, no entanto, na realidade a maioria dos/as jovens que se tornam profissionais não ganham os salários milionários que se propaga. Diante das discussões realizadas sobre a questão da classe social, uma estudante disse o seguinte:

Sabe professora, a diferença está na oportunidade. Se todas as pessoas, independentemente de serem ricas ou pobres tiverem acesso às coisas [se referindo à prática do esporte] conseguimos aprender. O problema é que isso nem sempre ocorre né (Lara).

Assim, diante de tudo que foi vivenciado, refletido e questionado percebe-se que discutir sobre a desigualdade social e as práticas corporais se torna essencial na escola e nas aulas de Educação Física para que, de alguma forma, possamos continuar sonhando com uma



sociedade mais justa e igualitária para todas as pessoas, mesmo que ainda haja um longo caminho a ser percorrido.

Sobre a temática das **desigualdades de gênero nos esportes e na sociedade**, o nosso objetivo foi provocar uma reflexão sobre os espaços que homens e mulheres ocupam na sociedade e como os diversos preconceitos se perpetuam na escola e na Educação Física.

Começamos nossa aula com a turma sendo organizada em grupos. Cada grupo deveria fazer a leitura de uma reportagem, discutir com o próprio grupo e depois apresentar para os demais colegas suas compreensões. Todas as reportagens tratavam de temas relacionadas às mulheres na sociedade, nos esportes e, também, sobre a questão da violência. Foram utilizadas reportagens dos sites dibradoras.com.br, folha.uol.com.br, cnnbrasil.com.br e tntsports.com.br.

Quadro 2 – Reportagens trabalhadas com os/as estudantes.

Grupo 1	Como é um jogo de futebol só com mulheres e crianças nas arquibancadas – dibradoras.com.br .
Grupo 2	WO na última rodada do brasileiro feminino expõe descaso do Real Ariquemes com jogadoras – dibradoras.com.br .
Grupo 3	Todas as formas de violência contra a mulher aumentaram em 2022, diz pesquisa – folha.uol.com.br .
Grupo 4	Desigualdade de gênero atinge ciência no Brasil, revela pesquisa – cnnbrasil.com.br .
Grupo 5	Uniformes no esporte: a desigualdade de gênero em evidência – tntsports.com.br .

Fonte: construção das autoras.

Logo após, os grupos fizeram a apresentação das suas reportagens, conversamos sobre os conteúdos das mesmas e debatemos também, sobre como muitas vezes, os preconceitos em relação às mulheres são naturalizados na sociedade. Discutimos também como o trabalho doméstico é designado à mulher na maior parte das casas, como os homens têm muito mais acesso aos espaços e momentos de lazer do que as mulheres e sobre como os homens, na maioria das vezes, ocupam mais espaços de destaque na sociedade e nos esportes por exemplo. Durante o debate enfatizamos a importância do acesso à informação e à reflexão para a mudança de comportamentos. O debate estimulou alguns/as estudantes a comentarem sobre suas realidades:



Minha mãe mesmo, teve que sair de casa aos 15 anos de idade para trabalhar, não teve oportunidade de estudar, por isso, não teve acesso a muitas informações que nós temos hoje (Rute, 2023).

Lá na minha casa, felizmente, todas as tarefas são divididas, inclusive o meu pai acaba fazendo mais coisas que a minha mãe (Peter, 2023).

É importante que os meninos sejam criados fazendo as tarefas domésticas para que quando se tornarem adultos tenham outro comportamento (Flávia, 2023).

Eu vi essa semana que a Marta, mesmo tendo muitos títulos de melhor jogadora do mundo, ganha muito menos que o Neymar (Janaína, 2023).

Percebemos por meio dos diálogos com os/as estudantes que eles/as compreendem que a sociedade é um espaço em que os preconceitos de gênero acontecem de forma constante e que nós, enquanto frutos dessa construção social, muitas vezes reproduzimos esses preconceitos nas relações pessoais, na escola e na Educação Física. De acordo com Souza Júnior (2020, p. 156) tal situação acontece pois além das diferenças biológicas existe também uma “[...] construção cultural diferenciada dos corpos masculinos e femininos”. Assim, é fundamental que nossas ações pedagógicas estejam pautadas no princípio da equidade de gênero para que a escola e as aulas de Educação Física sejam um espaço democrático, de respeito às diversidades e de desconstrução dos preconceitos hierarquizados socialmente (Souza Júnior, 2020).

Após esse momento, realizamos a vivência do badminton com duplas mistas. O badminton é um esporte praticado com raquetes e petecas e pode ser jogado individualmente ou em duplas. A dupla mista é uma das categorias da modalidade. Assim, orientamos que os/as estudantes se organizassem em duplas mistas e que fossem experimentando os movimentos com a raquete e a peteca enquanto organizávamos o espaço de jogo. Orientamos também, que os/as estudantes que já conheciam o esporte fossem auxiliando os/as colegas que nunca haviam tido contato com o mesmo. As duplas foram distribuídas em dois campos improvisados e iam fazendo um rodízio para que todos/as pudessem jogar o maior número de vezes possível e variando as duplas adversárias. Apesar de organizarmos os jogos com um placar de sete pontos para que as duplas pudessem ir trocando, nossas ações não enfatizavam a vitória ou a derrota, assim a cada duas partidas, a dupla que vencida também saía para dar espaço a outras duas duplas. A intenção era que todos/as pudessem vivenciar o badminton dentro das suas possibilidades.



Ao final das vivências nos reunimos em roda para conversarmos sobre nossas aprendizagens. Conversamos sobre as seguintes questões: 1 - A partir do exposto no encontro de hoje, na opinião de vocês, que lugares homens e mulheres ocupam na sociedade? 2 - A escola e a Educação Física reproduzem essa desigualdade? 3 - Como cada um se sentiu ao poder jogar junto com o/a outro/a da dupla? 4 - Qual é o papel da Educação Física e a escola na busca de uma sociedade mais justa e equânime?

A respeito da primeira questão grande parte dos/as estudantes respondeu, naquele momento, que não. Tal reconhecimento se torna importante, pois é um primeiro passo para modificar nossas ações e almejar uma sociedade e uma escola mais justa para todos/as. Sobre a segunda questão, alguns/as estudantes responderam que sim e enfatizaram bastante a Educação Física nesse processo de reprodução da desigualdade de gênero:

É muito comum, por exemplo, em um jogo de futsal ver meninas que não conseguem jogar direito, pois é uma prática em que os meninos sempre tiveram muito mais oportunidade (Letícia, 2023).

Eu vi uma reportagem recentemente de uma escola que proibiu uma menina de participar do torneio de futsal por que não tinha time feminino (Peter, 2023).

Ainda há uma barreira enorme entre o que os meninos exercem fisicamente e o que as meninas exercem. A educação física nas escolas é uma demonstração clara da exclusão das mulheres nas práticas esportivas (Lorena, 2023).

As respostas dos/as estudantes enfatizam como a prática esportiva ainda é mais voltada para os meninos, reproduzindo a ideia dos papéis sociais distintos para cada gênero e de que existem diferenças de habilidade física entre meninos e meninas. Goellner (2010) afirma que as meninas são menos incentivadas pela família e amigos/as a participarem de práticas esportivas do que os meninos. Souza Júnior (2020) corrobora com essa questão ao argumentar que aos meninos são ofertadas um leque maior de experiências motoras que os torna mais aptos às práticas corporais.

Sobre a terceira questão os/as estudantes responderam que gostaram de realizar a prática do badminton com as duplas mistas, que não houve distinção devido ao gênero e todos/as puderam participar igualmente. Relataram também a importância de desenvolver mais atividades que favoreçam a participação conjunta de meninos e meninas. E, finalizaram argumentando que algumas meninas se saíram melhores que os meninos.



No tocante a quarta questão os/as estudantes responderam que a escola e a Educação Física podem contribuir para uma sociedade mais justa e equânime ao:

Propor ações que nos façam refletir sobre esse tipo de desigualdade (Maria Eduarda, 2023).

Ouvir mais os alunos, principalmente as meninas, tratando os meninos e meninas da mesma forma, dando as mesmas oportunidades para ambos, propondo atividades nas aulas de educação física que sejam dinâmicas e incluam ambas as partes (Renata, 2023).

Nossa principal influência vem da escola nesse período da vida, ter uma boa base educacional, um bom e amplo conhecimento sobre questões sociais nessa idade é fundamental para a nossa formação pessoal (Lorena, 2023).

Analisando as respostas anteriores e comparando com as respostas do questionário inicial percebemos que alguns/as estudantes possuem um histórico de exclusão nas práticas corporais e na Educação Física. Isso reforça a necessidade de estarmos em constante diálogo com os/as estudantes, analisarmos com atenção os comportamentos e atitudes que ocorrem durante as aulas e estarmos atentos/as aos nossos planejamentos para que a Educação Física seja um espaço de todos/as. Goellner (2010) afirma que as meninas precisam ser incentivadas em diferentes aspectos. A autora enfatiza que

[...] o esporte deve ser incentivado em função de outros objetivos, como, por exemplo, socialização, exercício da liberdade, experimentação de situações de movimentação de seu corpo, aprendizagem de técnicas, entre outros [...] (Goellner, 2010, p. 78)

Diante dos relatos, percebemos que os/as estudantes compreendem que as habilidades nos esportes não estão relacionadas apenas ao aspecto biológico, que é possível e necessário realizar atividades em que todos/as participem com respeito, de forma integrada e sem exclusões. Fica evidente ainda, a importância de construirmos em nossas aulas “[...] alternativas didáticas que vão ao encontro de uma prática pedagógica pautada pelo princípio da igualdade de gênero” (Souza Júnior, 2020, p. 158).

Sobre a temática das **relações étnico-raciais e o preconceito nas diversas esferas sociais**, o nosso objetivo foi discutir sobre os preconceitos étnico-raciais que existem nos diferentes espaços sociais, inclusive na escola e na Educação Física. Enfatizamos que o racismo, infelizmente, faz parte das mais diversas estruturas sociais no Brasil devido a uma herança do período da escravização e que precisamos, em qualquer situação, combater esse tipo de preconceito. Afinal, em uma sociedade racista, não é suficiente apenas evitar e debater



sobre o racismo, é necessário ser antirracista (Davis, 2016). Em nossa compreensão, tratar de forma crítica sobre esse tema em aula é promover uma ação antirracista.

Além do mais, corroboramos com Rangel *et al.* (2008, p. 157) quando afirmam que “[...] a sociedade brasileira é multicultural, o que significa reconhecer [...] a diversidade étnica e cultural dos diferentes grupos sociais que a compõem”. Por esse motivo, a escola e a Educação Física devem “[...] ser o lugar de todas as vozes, de todos ‘os corpos culturais’ [...] porque todas as ‘culturas corporais’ importam [...]” (Vago, 2022, p. 5).

Após, solicitamos que os/as estudantes se organizassem em duplas. Cada dupla recebeu uma palavra, deveriam pensar um pouco sobre ela e, em seguida, socializar com o grupo o que sabiam sobre essa palavra. As palavras utilizadas foram: turbante, berimbau, racismo, capoeira, macumba, batuque, senzala, umbanda e capitão do mato. Eles/as conversaram durante um tempo e depois iniciaram as falas. Os termos berimbau, racismo, umbanda, batuque, capoeira e turbante foram explicados sem dificuldades. Já as duplas que foram responsáveis por apresentar as palavras senzala e capitão do mato não sabiam o significado dessas expressões. Outros/as colegas contribuíram explicando o significado das palavras. Uma colega compartilhou sua experiência de viagem à cidade de Ouro Preto, MG, contando que pôde visitar as senzalas e as minas em que os negros escravizados trabalhavam.

Em seguida, realizamos uma dinâmica chamada caminhada do privilégio. Nessa atividade todos/as iniciam o percurso na mesma posição. Antes da largada, explicamos que fariamos algumas perguntas e, dependendo da resposta, as pessoas poderiam dar um passo à frente ou ficarem paradas no mesmo lugar. Foram realizadas 11 perguntas: 1 - Se você já teve problemas em fazer amigos na escola ou arranjar emprego em função da sua cor, permaneça no mesmo lugar; 2 - Se já ouviu piadas por conta da cor da sua pele ou tipo de cabelo, permaneça no mesmo lugar; 3 - Se você já foi seguido em algum estabelecimento por conta da cor da sua pele, permaneça no mesmo lugar; 4 - Se você puder manifestar admiração pela sua religião com segurança em espaços públicos, dê um passo à frente; 5 - Se a maioria dos seus amigos, conhecidos, vizinhos, colegas de infância ou de escola são brancos, dê um passo à frente; 6 - Se tem liberdade de ir e vir sem medo de sofrer abuso ou violência racial, dê um passo à frente; 7 - Se sua família esteve presente durante a sua infância dê um passo à frente; 8 - Se já desejou ter outra cor de pele ou tipo de cabelo, permaneça no mesmo lugar; 9 - Se já foi acusado injustamente pelo sumiço de alguma coisa, permaneça no mesmo lugar; 10 - Se alguém que você conhece teve vergonha de te apresentar para a família ou amigos,





permaneça onde está; 11 - Se já teve um familiar ou conhecido próximo preso, permaneça no mesmo lugar.

Após a realização das onze perguntas pedimos que os/as estudantes olhassem para o percurso realizado na caminhada e onde cada pessoa se localizava. Quem estava mais à frente e quem ficou mais atrás. Foi possível registrar algumas inquietações:

Professora, estou em último, nem saí do lugar (Jorge, 2023).

Nossa, estou me sentindo mal por estar aqui na frente (Letícia, 2023).

Após a vivência nos reunimos em círculo novamente para debater a atividade realizada. Durante a conversa os/as estudantes colocaram que perceberam que o caminho da vida não é justo para todas as pessoas e que a cor da pele é determinante para que muitas injustiças aconteçam. Relataram os diversos preconceitos que já sofreram, preconceitos vividos por colegas e, também, como as marcas do racismo são profundas e permanecem presentes no corpo e na memória de cada um/uma. Uma das estudantes pediu a fala e colocou uma situação muito delicada:

Minha mãe é preta. Quando eu e minha irmã nascemos, nós éramos bem mais brancas e temos olhos claros, inclusive, eu sou registrada como branca. Hoje a minha pele é mais escura. Minha mãe conta que por muitas vezes ela foi parada na rua e as pessoas perguntavam de quem eram aquelas crianças, perguntavam se ela era babá das crianças, pra quem ela trabalhava, quanto tempo que ela tomava conta de nós. Hoje ela conta isso como um ensinamento, mas foi um dos muitos preconceitos que ela já sofreu (Rute, 2023).

Finalizamos esse momento elogiando a participação deles/as, dizendo a importância de relatarmos as situações cotidianas que os/as mesmos/as sofrem e de que todos/as nós precisamos combater qualquer tipo de atitude discriminatória na escola e em qualquer espaço, uma vez que o racismo é crime e precisa ser punido como tal.

Em seguida, organizamos o espaço para a realização da amarelinha africana. A amarelinha africana é uma brincadeira com origem em Moçambique, também conhecida como teca-teca. Diferente das amarelinhas que conhecemos aqui no Brasil, que possuem ênfase na competição, a amarelinha africana não possui vencedores e utiliza ritmo e música para brincar. Foi proposto que tentássemos realizar a brincadeira com três graus de dificuldade, mas que eles/as poderiam tentar outras formas de brincar.

Finalizamos nosso encontro com a roda de conversa para debater as seguintes questões: 1 - A partir das experiências realizadas hoje, na sua opinião, pretos e brancos possuem as mesmas oportunidades na sociedade brasileira? 2 - Como a escola e a Educação



Física reproduzem esse preconceito racial? 3 - Qual a importância de refletirmos sobre esse tema e vivenciarmos as práticas corporais de matriz africana na escola? 4 - Qual o papel da escola e da Educação Física na busca de uma sociedade mais justa e equânime?

Sobre a primeira questão, responderam que não. Pedi então que explicassem porque:

A escravidão das pessoas pretas reflete até hoje para que elas tenham menos oportunidade (Kevin, 2023).

Isso fez com que se criasse uma imagem ruim das pessoas pretas (Peter, 2023).

Ainda é muito comum as pessoas pretas ocuparem postos de trabalho inferior, poucas pessoas esperam, por exemplo, que um jovem preto sonhe em fazer uma faculdade de direito. É mais comum vermos jovens brancos e de classe alta sonhando com isso (Lorena, 2023).

Complementamos dizendo sobre a importância de termos pessoas negras ocupando lugares de destaque na sociedade e que os/as estudantes precisam compreender que são capazes de conquistar o que sonham, independentemente da cor da pele, do gênero ou da classe social.

No tocante a segunda questão responderam:

Quando as pessoas fazem bullying (Peter);

Quando fazem brincadeiras de mau gosto como na minha sala, dizendo que não enxergam determinado aluno quando apaga a luz (Flávia).

Nesse momento uma das estudantes citou um caso de racismo que havia visto no jornal em uma escola estadual do município de Vargem Alta, ES. Infelizmente, não tivemos tempo de discutir sobre as outras questões devido ao término do horário de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da implantação do NEM e da consequente redução da carga horária dos componentes curriculares da formação geral básica, os/as professores/as foram obrigados/as a assumir as aulas dos componentes integradores dos itinerários formativos. É comum que professores/as dos componentes que sofreram grande redução, a partir da reforma, como os/as de Educação Física, tenham que lecionar outros dois ou até três componentes curriculares para completar sua carga horária. Isso tem levado à precarização da profissão docente, uma vez que o conhecimento para o qual o/a professor/a se qualificou tem sido



negligenciado ou quase eliminado do currículo. Nesse cenário, os/as professores/as são compelidos/as a aceitar ministrar aulas de qualquer outro componente para cumprir sua carga horária contratual. Isso, por sua vez, contribui para a desvalorização da autonomia e saber docente além de, uma maior hierarquização curricular.

Observamos uma diminuição da oferta dos conhecimentos historicamente construídos pela humanidade e esse espaço sendo preenchido por discussões alinhadas ao projeto global de produção de um novo tipo de trabalhador/a mais adequado/a ao ambiente empresarial. Nessa abordagem, e em uma visão individualista, o/a estudante é incentivado/a a ser protagonista de suas escolhas em relação ao seu percurso educacional e na construção de seu projeto de vida. Por trás disso, há a ideia de formar empreendedores/as de si mesmos/as, mas, na prática, o que ocorre é uma diminuição da responsabilidade do Estado com a educação.

Nessa perspectiva de educação proposta para o NEM, a Educação Física se torna insignificante. Mesmo permanecendo no currículo, sua carga horária foi drasticamente reduzida a uma ou duas aulas para todo o ciclo de escolarização do Ensino Médio, dependendo da rede e do Estado. Na escola, a Educação Física pode propiciar aos/às estudantes experiências éticas, estéticas, corporais, afetivas relacionadas às diversas manifestações da Cultura Corporal de Movimento e intimamente ligadas ao lazer. Dificilmente conseguiremos mensurar as aprendizagens e vivências construídas nas aulas de Educação Física nas avaliações de larga escala (Paebs, Saeb), que é o grande objetivo da escola atualmente, a melhoria do Ideb. Então, a Educação Física estará sempre ameaçada enquanto o projeto de educação for única e exclusivamente a formação para o trabalho.

A oferta de uma eletiva com caráter de resgate dos conhecimentos históricos da Educação Física possibilitou a reflexão sobre a importância do componente na formação humana dos/das estudantes do NEM, bem como a busca por meios de garantir o direito à construção dos conhecimentos historicamente construídos pela humanidade acerca da Cultura Corporal de Movimento, e os seus temas transversais, de forma democrática e integral na escola, ainda que por via desses espaços/tempos “eletivos”.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Hugo Lima *et al.* O estado neoliberal e a precarização do trabalho docente. In: CASTRO, Paula Almeida *et al.* (orgs.). **Escola em tempos de conexões**. Campina Grande, PB: Realize, 2022.

BELTRÃO, José Arlen; TAFFAREL, Celi Nelza Zulke; TEIXEIRA, David Romão. A educação física no novo ensino médio: implicações e tendências promovidas pela reforma e pela BNCC. **Revista práxis educacional**, v. 16, n. 43, p. 656-680, 2020.

BRASIL. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 2017. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm>. Acesso em: 25 nov. 2023.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FERNANDES, Florestan. **O que é revolução**. 1981. Disponível em: <<https://contrapoder.net/wp-content/uploads/2020/04/FLORESTAN-FERNANDES-O-que-e-revolucao.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2023.

FERREIRA, Eliza Bartolozzi; CYPRIANO, Alessandra Martins Constantino. O novo ensino médio no Espírito Santo: os desafios de diretores/as escolares. **Retratos da escola**, v. 16, n. 35, p. 443-461, 2022.

FREITAS, Luiz Carlos de. **A reforma empresarial da educação: nova direita, velhas ideias**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

FREITAS, Maria Tereza de Assunção. A pesquisa em educação: questões e desafios. **Vertentes**, n. 29, p. 28-37, 2007.

INEP – INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS ANÍSIO TEIXEIRA. **Censo Escolar da Educação Básica 2023: resumo técnico**. Brasília, DF, 2024. Disponível em: <https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_escolar_2023.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2024.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de formação do RBCE**, v. 1, n. 2, p. 71-83, 2010.

MALDONADO, Daniel Teixeira. Educação física no ensino médio e a Base Nacional Comum Curricular: contextos, implicações e resistências. **Ambiente: gestão e desenvolvimento**, p. 70-84, 2023.

MENDONÇA, Thiago; JARDIM, Renata. **Entremundo: um dia no bairro mais desigual do mundo**. You Tube, 29 de abr. 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=haJCUuktzms&t=5s>>. Acesso em: 23 abr. 2023.





MOURA, Dante Henrique.; LIMA FILHO, Domingos Leite. A reforma do ensino médio: regressão de direitos sociais. **Retratos da escola**, v. 11, n. 20, p. 109-129, 2017.

NEIRA, Marcos Garcia. Educação física, currículo cultural e justiça social. In: MALDONADO, Daniel Teixeira; SILVA, Maria Eleni Henrique; MARTINS, Raphael Moreira (Orgs.). **Educação física escolar e justiça social: experiências curriculares na educação básica**. Curitiba, PR: CRV, 2022.

RANGEL, Irene Conceição Andrade *et al.* Educação física escolar e multiculturalismo: possibilidades pedagógicas. **Motriz**, v. 14, n. 2, p. 146-167, 2008.

SANTOS, Franciele Soares dos; MARTINS, Sueli Aparecida. Novo ensino médio: consequências e perspectivas para a formação dos jovens. **Revista pedagógica**, v. 23, p. 1-27, 2021.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes curriculares e operacionais para eletivas 2020**. Vitória, ES, 2020. Disponível em: <<https://blogteca.sedu.es.gov.br/novoensinomedio/wp-content/uploads/2020/02/Ementa-eletivas.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2022.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. **Portaria nº 279-R, de 06 de dezembro de 2021**. Vitória, ES, 2021. Disponível em: <<https://sedu.es.gov.br/Media/sedu/pdf%20e%20Arquivos/279-R-Organiza%C3%A7%C3%B5es%20Curriculares%20de%202022.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2022.

SILVA, Ana Paula Felix de Carvalho; FERREIRA, Eliza Bartolozzi; SANTOS, Kefren Calegari dos. O "Novo Ensino Médio" no Espírito Santo. **Trabalho necessário**, v. 19, n. 39, p. 36-57, 2021.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira. Educação física escolar e a questão de gênero. In: Albuquerque, Denise Ivana de Paula; DEL-MASSO, Maria Cândida (Orgs.). **Desafios da educação física escolar: temáticas da formação em serviço no ProEF**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020.

SOUZA, Maristela da Silva; RAMOS, Fabrício Krusche. Educação física e o mundo do trabalho: um diálogo com a atual reforma do Ensino Médio. **Motrivivência**, v. 29, n. 52, p. 71-86, 2017.

VAGO, Tarcísio Mauro. Uma polifonia da educação física para o dia que nascerá: sonhar mais, crer no improvável, desejar coisas bonitas que não existem e alargar fronteiras. **Pensar a prática**, v. 25, p. 1-26, 2022.

Dados da primeira autora:

Email: gabibiancardibraga@gmail.com

Endereço: Rua Virgílio Silva, n. 94, Centro, Iconha, ES, CEP: 29280-000, Brasil.

Recebido em: 26/07/2024

Aprovado em: 23/09/2024



**Como citar este artigo:**

BRAGA, Gabriela Biancardi; SILVA, Erineusa Maria da. A construção de resistências ao não lugar da Educação Física no Novo Ensino Médio: a discussão das diversidades via componente eletiva como possibilidade. **Corpoconsciência**, v. 28, e.18114, p. 1-19, 2024.